

“Entrando na roda”:

História e memória da capoeira em Teresina-PI (1970-1990)

Marcelo de Sousa Neto¹

Resumo: A capoeira desde seu incerto surgimento se apresentou, para além do negro, como um instrumento de resistência social e cultural de uma gama enorme de segmentos sociais marginalizadas. No entanto, o que era instrumento de resistência transfigurasse em expressão cultural, a partir da década de 1930, com o surgimento da Capoeira Regional, dentro de uma conjuntura mundial de modernização dos espaços. Em Teresina, esta Capoeira só chega em fins da década de 1960, já inserida em uma *Capoeira Cultura* que, a princípio e diferentemente de todo o restante do país, fora rechaçada pela sociedade teresinense. Neste contexto, a presente pesquisa aborda a prática da capoeira na cidade de Teresina durante o período de sua chegada à cidade à década de 1990, período em que a capoeira sofreu profunda transformação, que a princípio foi encarada como uma prática de “desocupados”, se convertendo em uma expressão cultural disseminada em toda sociedade. Entre as referências utilizadas, destaca-se pesquisa bibliográfica sobre a temática e afins, pesquisa em jornais teresinenses das décadas de 1970, 1980 e 1990, e pesquisa oral com pessoas envolvidas com a prática da capoeira em Teresina, como forma de reconstruir parte da memória do passado recente, e, em especial, ao que diz respeito a grupos sociais que foram excluídos da ordem vigente.

Palavras-chave: Capoeira. Memória. História. Teresina-PI. Século XX.

Abstract: Capoeira since its emergence appeared uncertain, beyond the black, as an instrument of social and cultural resistance to a wide range of marginalized social groups. However, it was the instrument of resistance transfigurasse in cultural expression, from the 1930s, with the emergence of Capoeira Regional, within a global environment of modernization of spaces. In Teresina, this Capoeira comes only in the late 1960s, has entered into a Capoeira Culture that at first and unlike the rest of the country, had been rejected by society Teresina. In this context, this research addresses the practice of capoeira in Teresina during his arrival to the 1990s, a period that capoeira has undergone profound transformation, which was initially seen as a practice of "unoccupied" becoming a cultural expression disseminated throughout society. Among the references used, there is literature on the topic and related research papers Teresina in the decades of 1970, 1980 and 1990, research and oral evolved people with the practice of capoeira in Teresina, as a way to rebuild part of the memory the recent past, and in particular to respect the social groups that were excluded from the current order.

Keywords: Capoeira. Memory. History. Teresina-PI. Twentieth century.

"ENTERING THE WHEEL":

History and memory of capoeira in Teresina, PI (1970-1990)

¹ Doutor em História. Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí

De imprecisa origem, a capoeira se apresentou como um instrumento de resistência social de uma gama enorme de pessoas marginalizadas para além do negro. No entanto, o que era instrumento de resistência transfigura-se em expressão cultural a partir da década de 30 do século passado com o surgimento da *Capoeira Regional*, dentro de uma conjuntura mundial de modernização dos espaços.

Ao analisarmos o caso específico de Teresina-PI, esta *Capoeira* somente apresenta suas primeiras manifestações no início da década de 1970, já inserida no que poderíamos chamar de *Capoeira-Cultura*, mas que a princípio, e diferentemente de todo o restante do país, na época foi rechaçada pela sociedade teresinense. Neste contexto, o presente trabalho aborda a prática da capoeira no Brasil, de maneira geral, e mais especificamente na cidade de Teresina durante o período de sua chegada à cidade até a década de 1990, período em que a capoeira sofreu uma transformação, que a princípio foi encarada como uma prática de “desocupados”, se convertendo em uma expressão cultural disseminada em toda sociedade.

Os referenciais utilizados foram: pesquisa bibliográfica sobre a temática, pesquisa em jornais teresinenses das décadas de 70, 80 e 90, e pesquisa oral com pessoas envolvidas com a prática da capoeira em Teresina, como forma de reconstruir parte da memória do passado recente, e, em especial, ao que diz respeito a grupos sociais que foram excluídos da ordem vigente.

Deve ser lembrado que este trabalho é fruto de uma pesquisa que lança suas primeiras reflexões, pois muito ainda há por ser feito e muitas indagações a serem respondidas.

A CAPOEIRA

Antes de nos dedicarmos ao tema da capoeira em Teresina, deve ser feita uma contextualização histórica da capoeira no Brasil, tendo este trabalho uma dupla função: de contextualizar a prática da capoeira em Teresina, mas também buscar discutir sua prática no Brasil, de seu surgimento até o momento anterior à sua chegada em Teresina.

A princípio deve-se lembrar que a palavra Capoeira não é africana, como ainda muitos acreditam, e sim Tupi (KAPU'ERA) e originalmente possui dois significados, podendo significar mato ralo ou roçado, rente ao chão ou cortado pelos negros, mas sem nenhuma pesquisa concreta que revele tal fato (Vieira, 1998). A respeito disso, o professor Wilker Martins, lança o seguinte questionamento:

é uma explicação com a mera função de encontrar uma justificativa para o nome, pois esta não tem nenhuma fundamentação. Como estes escravos fugitivos se defendiam dos capitães do mato armados e a cavalo em um lugar ‘limpo’? (2000, p.11).

Uma segunda origem para o termo refere-se a uma espécie de cesto ou gaiola que serve para carregar animais e mantimentos, ponto que retornaremos mais adiante. No entanto a dúvida mais comum é, “a capoeira é brasileira ou africana?”.

Não temos a intenção de simplificar uma discussão tão complexa, mas vale ressaltar que os pesquisadores que defendem que a capoeira surgiu no Brasil, apoiam-se no argumento de não existir atualmente formas de lutas semelhantes à capoeira criadas e desenvolvidas pelos escravos nas outras ex-colônias no continente americano, que também receberam grandes quantidades de negros vindos das mesmas regiões, em alguns casos, daqueles trazidos para o Brasil (VIEIRA, 1998).

Já os que defendem que a capoeira seria uma luta de origem africana, que foi trazida pelos cativos, apoiam-se no fato de que ainda hoje no continente africano existem danças rituais com características de luta (a exemplo das danças *N’golo*, *Uinga*, *Cuissamba*), sendo assim, a capoeira praticada no Brasil seria uma variação dessas danças, que teria se tornado extremamente útil em situação de luta corporal (MESTRE JOÃO GRANDE, 1998).

Se tentar definir a etimologia do termo e o local de origem não é fácil, também não é fácil definir o que é *Capoeira*. Uma feliz definição é dada por Dias Gomes:

Capoeira é uma dança de gladiadores e luta de bailarinos, é disputa, simbiose perfeita de força, ritmo, poesia e agilidade. Acima de tudo e do espírito da luta, há no capoeirista um sentimento puro de beleza. O capoeirista é um artista, um atleta, um jogador e um poeta (apud. VIEIRA, 1998).

De uma forma não tão bela, podemos apontar que a *Capoeira Angola* é a forma mais primitiva e tradicional da capoeira brasileira, e era uma luta praticada pelos escravos, camuflada de dança. A *capoeira de angola* ou *brincadeira de angola*, como era chamada, possuía além de um fim prático de ferramenta de resistência à opressão por eles sofridas, um lado de lazer e expressão cultural da raça negra.

A origem precisa da capoeira não se tem ao certo, pois muito dessa prática não se tem registro ou chegou até nós por tradições orais de seus cânticos e ensinamentos de mestres mais

antigos, mas existe um certo consenso, inclusive nos estudos do Prof. Luiz Renato Vieira, de que a capoeira tradicional (*Angola*) foi criada com inspiração da dança *N'golo*, que imita o movimento de animais, em especial a zebra, ficando também conhecida como *Dança Da Zebra*, dança esta que tem a forma de campeonato, em que o vencedor era chamado de *guerreiro* e ganha o direito de cortejar a filha do chefe da tribo como prêmio à sua vitória.

No Brasil, esta dança serviu de camuflagem para os treinos da luta *Capoeira* na frente dos feitores do engenho, que por não verem perigo na prática deixavam os escravos fazerem sua *Brincadeira de Angola*, assim chamada por ser a maioria dos negros de origem angolana da tribo Bantu, de onde veio também o berimbau, podendo assim, classificarmos a capoeira como sendo desenvolvida por africanos ou descendentes em solo brasileiro (VIEIRA, 1998).

No entanto, sobre sua origem, gostaríamos de dar um destaque como provocação ao debate, do posicionamento de pesquisador argentino Adolfo Moralles:

Primitivamente capoeiro era o nome dos grandes cestos, destinados ao transporte de aves, fechados na parte superior por uma espécie de cúpula feita de cipó entrelaçado. Por extensão, homens dos capoeiros eram os respectivos carregadores; os escravos que transportavam à cabeça esses cestos, inclusive aos trabalhadores na estiva das embarcações, porquanto esses também transportavam a granel, como o auxílio de cestos, um sem número de produtos. Nos momentos de folga, os negros estivadores – agilíssimos, gesticuladores e barulhentos – procuravam demonstrar, uns aos outros, habilidades superiores às já exibidas nas horas de serviço, e assim, eram instintivamente criados outros passos, trejeitos, brincadeiras e rudes cumprimentos. Os visados por tais golpes tomavam atitudes e guardavam posições que os punham a salvo de quedas e situações cômicas. E daí, o simulacro de uma luta, de uma disputa brincalhona ao desafio real foi um passo: criou-se, sem querer, uma escola de luta, de destreza pessoal, genuinamente nacional. Nascida na antiga Peaçaba – sopé do morro do Castelo – no descanso das embarcações veleiras que ali existia, a brincadeira chamada dos capoeiros degenerou em Capoeira e portanto em capoeiragem – exercício, luta de defesa dos capoeiras – e se desenvolveu pelas praias, varadouros embarcadouros, mercados e trapiches. Desses lugares ela se estendeu pelos becos, travessas e largos próximos ao mar. Os corredores das casa de sobrado constituíram, por vezes, recintos muito apreciados para os ensaios e aprendizagem dos neófitos (RIOS FILHO, 1946, p. 51-52).

Historicamente, a expressão *Capoeira* tem designado no Brasil, o malandro, o desordeiro (VIEIRA, 1998), sendo os “feitos” dos capoeiras amplamente divulgados na imprensa e literatura

das últimas décadas do século passado e primeiras deste século, mas a repressão à capoeira é bem anterior. Com o seu desenvolvimento, tem-se registro desta repressão, com a chegada da família real ao Brasil em 1808, onde o medo aos capoeiras e os cuidados com a família real, fez com que D. João, como medida de segurança, desse uma nova e mais segura estrutura à polícia. Assim, D. João nomeou Paulo Fernandes Viana para a Intendência Geral de Polícia, que propôs a criação da Guarda Real de Polícia, instituída por decreto em 13 de maio de 1809, sob direção do Major Miguel Nunes Vidigal, o “terror” dos capoeiras cariocas no século passado, além de ter perseguido o candomblé e as rodas de samba, sendo Vidigal ainda presença na memória coletiva da capoeira (REGO, 1968). Em Memórias de um Sargento de Milícias, Manoel Antônio de Almeida narra as perícias de Vidigal na perseguição aos capoeiras no Rio de Janeiro, em especial de uma das figuras centrais do romance, o desordeiro Chico Juca. São muitos os relatos e os romances ambientados no Brasil do século passado que destacam as habilidades dos *capoeiras* na luta corporal e no manejo de facas, navalhas e porretes. Em O Cortiço, Aluísio de Azevedo (1890) narra o combate entre Firmo um mulato capoeira, e o português Gerônimo. Tudo isto, serve para mostrar o quanto a prática da capoeira estava enraizada no coletivo das pessoas no Brasil desde o início do século passado, mesmo com uma conotação pejorativa, mas como expressão da realidade de um segmento social que via na capoeira um instrumento de resistência e sobrevivência.

Deve ser lembrado, que o auge da repressão à capoeira ocorre em 1890, em que a capoeira assume uma categoria diferenciada frente aos marginais delinquentes de maneira geral, no que diz respeito à legislação penal brasileira (Vieira, 1998). O código penal da república dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo decreto número 487 de outubro de 1890 estabelecia em seu capítulo XIII:

Dos vadios e capoeiras.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade de destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo Único – é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Os chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro (...).”.

É interessante o parágrafo único deste artigo, que se refere às maltas, pois considerando-se a dificuldade de inserção dos ex-escravos e seus filhos na vida social brasileira pós abolição, e

o peso de 400 anos de tradição escravocrata, compreende-se a estratégia de formação de maltas de capoeiras, grupos que se multiplicavam no século passado, dos quais José Murilo de Carvalho (1987), analisando a construção de grupos sociais na primeira república situa as maltas de capoeiras como peças fundamentais para a compreensão da dinâmica da sociedade civil brasileira na passagem do século, em que ficaram famosas no Rio de Janeiro, destacando-se por serem grupos de grande organização e respaldo junto aos líderes políticos da época. Sua atuação política foi importantíssima, dissolvendo comícios, fazendo seguranças de políticos importantes, “emprenhando urnas” e coagindo eleitores (VIEIRA, 1998). Deve-se lembrar que toda repressão não se refere necessariamente ao praticante de capoeira (ou capoeiragem, como se dizia na época), mas sim a todas as manifestações de resistência ou expressão cultural das camadas subalternas da população que envolve também o samba, as religiões afro-brasileiras, as festas de rua, etc.. Esta população excluída da ordem estabelecida formava “o inferno social” apontados por alguns no início do século no Rio de Janeiro e em outros centros brasileiros.

As ações destes temidos *capoeiras* se deram de forma mais efetiva no Rio de Janeiro, onde podemos a nos atrever a apontar uma outra face da capoeira que seria uma *Capoeira Política ou Capoeira de Navalha*, capoeira esta que foi perseguida, proibida e eliminada pela República Velha, em muito pela identificação de suas *Maltas* com o império.

Estas *Maltas* representavam o “braço forte” de muitos políticos e pessoas de “posses” na cidade do Rio de Janeiro, durante grande parte da segunda metade do século XIX, mas além destes, as maltas representavam o “braço forte” de toda uma população marginalizada e excluída da ordem no Rio de Janeiro, que ajudava a compor um *inferno social*. (SEVCENKO, 1995, p.51-3).

Costuma-se banalizar o surgimento da *Maltas de Capoeira* após a abolição da escravidão (1888) sendo estas formadas por negros libertos que se organizaram em grupos para saquear e roubar. No entanto, as maltas começaram a se formar na segunda metade do século XIX, quando a capoeira começa a espalhar-se pelo Rio de Janeiro e absorver outros grupos, dentre eles imigrantes, negros libertos, intelectuais, policiais, jovens da elite. (CARVALHO, 2000, p.22), sendo assim, podemos concluir que a *capoeiragem* não era uma manifestação negra, mas sim um instrumento, muitas vezes político, muitas vezes social, de grupos sociais variados, usada muitas vezes como instrumento de pressão. No entanto seu uso era em maioria de grupos marginalizados pelo sistema.

A análise das características dessa *Capoeira Política* ou *Capoeira de Navalha* e como esta estava inserida na sociedade carioca não é tão visível, mas acreditamos que sua identificação com o império foi o que consequentemente fez necessário o seu extermínio, isto por também acreditarmos que as *Maltas* não eram meras ferramentas em um feroz jogo político, mas sim protagonistas da vida política do país, que tiveram opções e pagaram pelas escolhas feitas, por estas consistirem em representações da população marginalizada, que participaram do cenário político nacional e foram vencidas por grupos mais fortes, que tinham a intenção de “limpar” as ruas da capital federal e que “em termos concretos a prevenção republicana contra os pobres e negros manifestou-se na perseguição movida por Sampaio Ferraz contra os capoeiras, na luta contra os bicheiros, na destruição, pelo prefeito florianista Barata Ribeiro, do mais famoso cortiço do Rio, a Cabeça de Porco” (CARVALHO, 1987, p. 30-1).

O aspecto de “prática de desocupados” atribuída à capoeira tradicional ao longo dos séculos passa a sofrer uma transformação após *A Revolução de 30* com o surgimento da *Capoeira Regional*, que no aspecto histórico, teve como principal consequência uma ruptura das barreiras culturais e institucionais à difusão da prática desta modalidade em outros ambientes sociais além daquele em que surge como manifestação típica da cultura popular, capoeira esta, fruto da idealização de Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), que a partir da *Capoeira Angola* desenvolveu a *Luta Regional Baiana* (uma das primeiras designações da Capoeira Regional).

Mestre Bimba, com a intenção de dar mais agilidade aos movimentos da Capoeira de Angola, passou a desenvolver, por volta de 1928, à capoeira que hoje conhecemos como *Capoeira Regional*, e tem como principais consequências, além das modificações de ordem corporal do jogo, as inovações introduzidas por Mestre Bimba cumpriram uma função mais importante no campo simbólico, onde atuaram como representação material de um discurso sustentado na eficiência e no pragmatismo adequando-se ao ambiente cultural do período entre guerras, com uma proposta levada a frente por um respeitado lutador que facilitou sua legitimação, além de ter buscado retirar da capoeira a “brincadeira” e a “vadiação”, para que esta fosse aceita pelos mais diversos grupos sociais.

A Capoeira Regional, representa um grande esforço de eliminação, ainda que mais a nível de discurso do que de prática, os aspectos da capoeira tradicional que lhe atribuíam o aspecto de malandragem, tentando identificar o capoeirista como um atleta, como um lutador, exatamente em um período marcado por uma política cultural que buscava romper com as características

como a “malandragem”, a “indolência”, a “preguiça”, tidas como características de um país “arcaico”, com a intenção de enquadrar o Brasil no novo padrão de moderno que vivia o mundo naquele instante (SEVCENKO, 1995).

É nesta busca de “legitimação social” que Mestre Bimba desenvolve seus trabalhos em Salvador, buscando identificar como “cultura física”, como constava no próprio nome da primeira academia de Mestre Bimba, *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional da Bahia*, oficializada em 1937, ano em que Juraci Magalhães, interventor federal no estado da Bahia, convoca Mestre Bimba para uma apresentação de capoeira no Palácio do Governo (Rego, 1968). No entanto Mestre Bimba já havia atribuído à capoeira valores das elites de Salvador que, entre outros, tínhamos as “formaturas” que eram rituais altamente formais, realizados ao final de cada “curso de Capoeira Regional”, que através da introdução de elementos simbólicos representativos das camadas dominantes de Salvador, tenta-se legitimar uma prática originária de grupos populares, e que possibilitou a Mestre Bimba disseminar sua *Capoeira Regional* nas mais distintas classes sociais de Salvador, inclusive em quartéis militares como o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército) em que Mestre Bimba chegou a lecionar por três anos, e talvez tenha sua máxima expressão em uma exibição realizada por Mestre Bimba em 1953 ao então presidente Getúlio Vargas.

Deve-se ressaltar que existe uma questão polêmica sobre a Capoeira Regional, visto que alguns afirmam que esta teria se distanciado de seu meio de origem, perdendo parte de sua essência com o envolvimento da capoeira com setores sociais dominantes, como demonstra o depoimento de Mestre Waldemar do Pero Vaz, sobre Mestre Bimba “... ele abandonou a cor, mas sabe o que é? Um preto prá dar uma miçanga ao Mestre é um Deus nos acuda, não tem dinheiro. E o branco não, dava boa vida a Bimba” (apud. VIEIRA, 1998).

Esta discussão, de que Mestre Bimba teria se afastado dos grupos populares, surge do fato de que para frequentar a academia do Mestre, deveria o aluno também estar matriculado em uma escola normal ou trabalhar de carteira assinada, que serviria como forma de tirar a imagem de que o capoeirista “é vagabundo”, mas, involuntariamente, serviu para excluir da academia de Mestre Bimba uma grande parcela de pessoas de grupos populares, que ajudaram a formar a capoeira tradicional.

Na realidade, a Capoeira Regional, com toda a sua ambiguidade e originalidade, serviu para reinterpretar a capoeira, absorvendo elementos das ideologias dominantes, que serviu para

abrir as portas das instituições para penetração de uma prática essencialmente popular, mesmo que em novo estilo, e a figura de Mestre Bimba foi o elemento catalisador destas mudanças, que foram responsáveis por um novo momento de desenvolvimento da capoeira em grande centros como Rio de Janeiro e São Paulo nas décadas de 60 e 70 (VIEIRA, 1998), inclusive em Teresina, quando esta apresenta suas primeiras manifestações (SILVA NETO, 1999).

A CAPOEIRA EM TERESINA

É neste segundo momento de difusão da capoeira pelo Brasil entre as décadas de 60 e 70, que a capoeira tem suas primeiras manifestações em Teresina, mas especificamente nos primeiros anos da década de 70.

Deve-se, antes de tudo, lembrar que a carência de registros escritos ou orais sobre a história da capoeira em Teresina e no Brasil dificulta seu estudo, sendo este trabalho uma tentativa de interpretar o passado que está condenada a ser incompleta, posto que o real não pode ser trazido de volta em sua totalidade (DUBY, 1993), logo este é uma primeira interpretação a partir de primeiras fontes e um chamamento para o aprofundamento do tema.

Mas o que podemos concluir em uma primeira análise é que o surgimento da capoeira em Teresina está ligada ao processo de difusão da capoeira entre as décadas de 60 e 70 pelo Brasil, em que vários Mestres de Capoeira da Bahia – Estado em que a capoeira sempre se manteve presente – tinham levado a sua arte a grandes centros do país a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, este último que despontava à época como grande centro atrativo do país. E é em Brasília, como aluno dos Mestres *Tabosa* e *Adílson*, que Mestre Marcondes e irmãos, entram em contato com a capoeira. Mestre Marcondes muda-se para Teresina e juntamente com seus irmãos *Edson* e *Labitil*, passam a desenvolver um trabalho de capoeira em Teresina no início da década de 70.

Também devemos lembrar que no início dos anos 70, alguns praticantes já desenvolviam atividades de capoeira nas imediações do calçadão da *Simplício Mendes*, centro de Teresina, além de outros capoeiristas mais antigos afirmarem que se praticava também capoeira à rua *Álvaro Mendes*, também centro da cidade, onde hoje funciona o estacionamento do banco *Bradesco*. No entanto, os mestres *Tucano* (José Gualberto da Silva Neto) e *Bobby* (Robson Carlos da Silva) foram consensuais em apontar o Mestre Marcondes, como o precursor da capoeira em

Teresina. Mas isso não significa que outros capoeiristas anteriores a ele não tenham trazido ou praticado a capoeira em o solo piauiense. Mestre Marcondes, contudo, foi o primeiro a desenvolver, mesmo que precariamente, um trabalho de capoeira significativo, por isso considerado por muitos o pioneiro da capoeira no Piauí, levando a capoeira às ruas e praças, fazendo com que a capoeira fosse difundida em Teresina, e sendo o primeiro a ensinar capoeira em uma academia de esportes, a *Matro*, uma das primeiras academias de musculação de Teresina, que se situava na proximidade do Liceu Piauiense. Assim, é a partir de Mestre Marcondes que outros professores puderam iniciar seus trabalhos, pois devido ao trabalho desenvolvido por ele, por sua família e por seus alunos a capoeira pode ser integrada ao cotidiano teresinense.

Deve ser feita a ressalva de que Mestre Marcondes nunca aceitou o título de “Mestre”, seus ex-alunos são quem o consideram “Mestre”. Ele se considerava um “Professor” de capoeira, além de também ser professor da antiga Escola Técnica Federal do Piauí, hoje CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológico do Piauí) (SILVA NETO, 1999).

Ao longo da década de 70, também devemos registrar as figuras professor Paulo Capoeira, vindo do Rio de Janeiro, que ensinou no clube do SESC, e de Mestre Albino, que ao chegar de São Paulo desenvolvia trabalhos a frente de um grupo no Centro Social da Primavera. Suas importâncias residem no fato de que de suas academias, direta ou indiretamente, saíram os capoeiristas mais antigos da cidade, e surgiram dois grandes grupos de capoeira que seriam o Quilombo Capoeira – fusão do Palmares (criado pelo hoje mestre Tucano e ex-aluno de Paulo Capoeira) e Nova Lua (liderada à época pelo professor João Grandão) – e o grupo Escravos Brancos, grupos estes dos quais surgiram, na década de 90, grande parte dos grupos hoje existentes no Piauí, estimados hoje em mais de vinte grupos.

Em Teresina a capoeira em seu início foi mal vista, apesar de sua pequena expressão. Quando a capoeira chega a capital piauiense, o mundo vivia a “Era Bruce Lee”, em que eram muito valorizadas as artes marciais orientais. Vivíamos o apogeu do caratê e início do judô, além de outros esportes como a natação e a musculação, enquanto isso, a capoeira era praticada por uns poucos e mesmo assim sofria preconceitos.

No Brasil como um todo, a capoeira já tinha conseguido um mínimo de legitimidade, em especial devido aos trabalhos desenvolvidos por Mestre Bimba (VIEIRA, 1998). Em Teresina a sociedade, de maneira geral, ainda via a capoeira como prática de malfeitores. Mas isto não é sem motivo, pois a explicação deve-se ao caráter precário de como era desenvolvida a capoeira em

Teresina, que mesmo contando com muita força de vontade de alguns de seus membros, possuíam como elementos de entrave: o pouco conhecimento técnico de capoeira em si, o pequeno intercâmbio de informações com outros centros, a falta de conhecimento de preparação física e falta de uma preparação pedagógica, além do mais, muitos de seus praticantes, tinham na capoeira somente objetivos de luta, dando a capoeira a feição de “briga de rua”, pois, muitos de seus membros tinham práticas incompatíveis com a capoeira antes de iniciarem sua prática, como o uso de bebidas, drogas, a prática de badernas, e etc., e que muitos professores, pela pouca experiência, não souberam trabalhar estes alunos, fazendo com que a capoeira passasse de vítima a responsável pelos problemas de alguns de seus membros e que a capoeira fosse rotulada como “prática de marginais”.

Somente com um empenho maior de pessoas ligadas à capoeira que tinham por objetivo lutar para mudar esta feição, é que a capoeira conseguiu o maior espaço e aceitação na sociedade teresinense.

Os responsáveis por este trabalho de *legitimação social* da capoeira foram muitos, que buscaram em Teresina dar uma nova visão para a sociedade da capoeira, não podendo ser esquecidos, os mestres de capoeira Tucano (Raízes do Brasil), Bobby (Raízes do Brasil), Albino (Escravos Brancos), Traíra (líder do grupo Beira Mar), os professores Touro (Raízes do Brasil), Chocolate (Raízes do Brasil), John Grandão (Coordenador do Abada-Capoeira no Piauí) e Paulinho Velho (Coordenador do Abada-Capoeira no Piauí), que apesar de não serem os únicos, seus trabalhos foram de grande importância nos aspectos quantitativos, qualitativos e sociais da capoeira, pela abrangência do trabalho por estes realizados, devendo ainda ser ressaltado a papel de seus alunos em Teresina.

Pode-se dizer que a capoeira ganhou uma nova roupagem no final da década de 80 e início da década de 90, muito graças a esses sujeitos históricos.

A capoeira em Teresina em seu início era praticada principalmente pelas classes de baixa renda da sociedade teresinense, que apesar de possuir praticantes de um poder aquisitivo maior, era a minoria, em virtude do seu caráter popular. Após o desenvolvimento de um trabalho de reconhecimento da capoeira, esta cresceu muito em Teresina, gerando sentimentos opostos, de um lado um grupo retrógrado que buscava tratar a capoeira com antigos preconceitos, mas do outro surge um grupo de pessoas mais jovens, que se apaixonaram pela capoeira, pela sua

plasticidade, sua música, dança, força e leveza de movimentos e ampliaram o rol de admiradores e praticantes.

Estes jovens, em geral estudantes, formam uma nova geração de capoeiristas que hoje influenciam outros jovens, mesmo sendo filhos de uma geração que não via com bons olhos a prática da capoeira em seu início em Teresina, devido a uma visão deturpada que tinham, mas que aos poucos está sendo superada, e mesmo ainda existindo, este preconceito não possui mais o caráter destrutivo que possuía.

Buscar apagar a imagem de “esporte marginal” que a capoeira possuía em Teresina foi e é um esforço árduo e de poucos aliados, mas aliados importantes como o importante papel a imprensa, que ajudou a levar a imagem de uma capoeira saudável para dentro dos mais diferentes lares, com reportagens e coberturas de eventos. Outro aliado forte foram às escolas privadas e públicas, ao instante que abriram suas portas para que a capoeira pudesse ser conhecida e praticada por seus alunos, devendo ser lembrado também o papel fundamental da universidade que forneceu subsídios teóricos, físicos e pedagógicos a capoeiristas que ingressaram em seus quadros discentes e receberam espaço e condições para desenvolver seus trabalhos. No que diz respeito ao Estado, o seu papel foi muito discreto no que diz respeito à capoeira, resumindo-se a atos isolados de pessoas isoladas que não geraram a continuidade de trabalhos de uma nova capoeira, a *Capoeira Moderna* (capoeira atual).

A *Capoeira Moderna*, segundo o mestre *Tucano*, mais que uma capoeira livre das amarras dos estilos Angola e Regional, é uma capoeira que tem na *roda de capoeira* apenas um de seus aspectos, apenas a apresentação de um trabalho que deixou de ter fim único a *roda de capoeira* em si, e passou a trabalhar além do físico, o psicológico e o social de seus participantes, em que se busca valorizar outros aspectos da capoeira, além da luta.

Mais do que um bom lutador, quem hoje pratica a *Capoeira Moderna*, com professores sérios, é um bom ouvinte, um bom músico, um bom cantor, um bom filho, um bom companheiro de grupo, pois antes de aprender a usar os golpes, muitas vezes mortais, o capoeirista tem que aprender a controlar suas emoções, seus sentimentos, medos e angústias, para proteger a integridade física dos outros e a sua própria. “É preciso ter autocontrole ‘fora da roda’ para ser um bom capoeirista ‘dentro da roda’” (SILVA NETO, 1999).

Mestre *Tucano* ressalta que a *Capoeira Moderna* tem por objetivo formar bons cidadãos que por consequências serão bons capoeiristas e não “brigadores”, e os mecanismos para atingir

estes objetivos é através das práticas sociais que a capoeira desenvolve nos mais amplos aspectos, visando à “inclusão social” dos mais diversos grupos, trabalhando com menores de rua, menores carentes, idosos, depressivos, portadores de necessidades especiais, etc.

É com este intuito, segundo mestre *Bobby*, que o grupo por ele coordenado, desenvolve seus trabalhos e estes contam cada vez mais com a presença das mulheres, pois a capoeira, pela sua plasticidade, sua música, sua sensualidade, abriu espaço para as mulheres, principalmente com a *Capoeira Moderna* em que não se valoriza a rivalidade e a mensuração de força, conquistando em Teresina um enorme público feminino. E este público feminino tem dado uma nova postura à própria capoeira, tanto no aspecto do desenvolvimento de novas técnicas, que ajudam a capoeira como um todo, como no desenvolvimento de práticas socioculturais, como a exemplo das ações assistenciais desenvolvidas por alguns grupos de capoeira que arrecada recursos materiais e financeiros entre seus membros, para serem doados a instituições filantrópicas as mais diversas, ação esta que ajuda a desenvolver uma postura de partilha e uma postura crítica de seus membros no que diz respeito aos problemas sociais que vivenciamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira em Teresina, teve um início muito conturbado, e marcado pelo preconceito, em muito sem justificativa. Mas o trabalho de capoeiristas sérios, engajados no reconhecimento dos aspectos positivos da capoeira, fez com que, com muito *suor e lágrimas* a capoeira em Teresina conseguisse seu espaço, e mais que esporte seja valorizada como *Arte Brasileira*.

De acordo com os mestres *Tucano e Bobby* no que diz respeito à técnica, o Piauí está muito bem representado, em qualquer lugar em que o quesito capoeira seja mencionado. No entanto, a capoeira em Teresina cada vez mais se dedica a procura de através de suas práticas, promover a inclusão social de pessoas que vivem à margem das conquistas de direitos sociais.

Hoje, conforme todos os entrevistados, mais do que nunca a palavra *Capoeira* expressa uma luta por criar um Brasil melhor. A capoeira deixou de preocupar-se com a luta e passou a preocupar-se com as pessoas, passou a ter uma nova luta: a de criar brasileiros verdadeiramente cidadãos.

Embora muitas das informações aqui contidas possam ainda ser melhor trabalhadas e interpretadas acerca da capoeira em Teresina, o presente trabalho nos permitiu desnudar um

pouco do mundo da capoeira em nossa cidade e perceber sua relação com o contexto sócio-econômico-étnico-cultural-político dos períodos históricos analisados e perceber ainda o grande envolvimento e engajamento social de seus membros, visando reverter o rótulo negativo que a capoeira possuía. Em muito esse objetivo já foi alcançado, ao passo que a capoeira tem ganho grande respaldo nas diversas camadas sociais, mas muito ainda há por fazer – segundo os entrevistados – para que a capoeira passe a receber o respeito merecido.

Referências

- ABREU, Frederico José. A capoeira baiana no século XIX. **Revista Iê, Capoeira**. Editora On Line. Ano I N.º 7. 1999, p.14-19.
- AREIA, Anande das. **O que é capoeira**. Ed. da Tribo, 4ª Edição, s/d.
- BERMAM, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: aventura da modernidade. São Paulo. Cia. das Letras, 1986.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo. Editora UNESP, 1991.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. **A construção da ordem / teatro de sombras**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/UFRJ, 1996.
- CARVALHO, Letícia Cardoso. As Maltas de Capoeira no Rio de Janeiro. IN.: **Revista Praticando Capoeira**. Ano I, N.º 07, 2000.
- _____. A perseguição e proibição da capoeira. **Revista Praticando Capoeira**. Editora D+T Ltda. Ano I N.º 5: 1999. p. 20-23.
- CAPOEIRA, Nestor. Capoeira. **Galo já cantou**. Edição revista e ampliada. Editora Record. São Paulo, 2000.
- CARNEIRO, Edson. **Capoeira**. Editora Finart, 1977.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. UFRJ, 1993.
- FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**. 11ª Edição. São Paulo: Basiliense, 1987.
- FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (ORG.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Editora Getúlio Vargas, 1998.
- FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 4. Junho de 1989.
- MARTINS, Wilker Rodrigues. **A Dialética do Corpo**: O processo de capoeiragem em Teresina entre 1970 e 1986. Universidade Federal do Piauí. Curso de Graduação de História. Disciplina: Métodos e Técnicas II, Prof. Ms. Pedro Vilarinho, 2000.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira angola**: um ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968.
- RIOS FILHO, Adolfo Moralles de. **O Rio de Janeiro imperial**. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1946.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*. IN: **Literatura como missão**. Editora Brasiliense S.A.. São Paulo, 1995.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição**: os capoeiras na corte imperial de 1850-1890. Rio de Janeiro: Editora Access, 1999.

SILVA, Robson Carlos da. O desenvolvimento da Capoeira no Piauí. IN: **Revista dos Esportes**. Editora Policrom, Ano I-Edição nº07, nov, 2000.

SILVA, Reginaldo Gomes da. **A trajetória da capoeira em Teresina**. Comunicação oral no XVII ENEH. Teresina: Julho, 1997.

SOUSA NETO, Marcelo de. **A capoeira de navalha**: as ações políticas da capoeira no Rio de Janeiro na transição do império para república. Especialização em História Política Contemporânea, 1999 [Artigo de Conclusão de Curso].

VIEIRA, Luiz Renato. A capoeira regional. **Revista Capoeira**. Editora Candeia. Ano II N.º 4, 1999. p38-43.

_____. Capoeira: os primeiros momentos de sua história. **Revista Capoeira**. Editora Candeia. Ano I N.º 1, Maio de 1998. p. 42-44.

VIEIRA, Luiz Renato. De prática marginal a arte marcial brasileira. **Revista Capoeira**. Editora Candeia. Ano II N.º 3, 1999, p. 42-43.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo da capoeira**: Corpo e cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro. Sprint. 2ª edição – 1998.

ENTREVISTAS:

SILVA NETO, José Gualberto da. Entrevistas realizadas em Teresina, Outubro, 1999.

SILVA, Robson Carlos da. Entrevistas realizadas em Teresina, Outubro, 1999.

MARTINS, Wilker Rodrigues. Entrevistas realizadas em Teresina, Fevereiro, 2002.

Recebido em: 07 de dezembro de 2012

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2013